VIII

As illusões d'Apollonio. — 1.º: D'Iolchos a Ea

Na expedição a Ea, Apollonio adaptou a um itinerario entre Iolchos e a Colchida os factos geographicos e historicos, que a primitiva legenda narrava d'uma viagem entre o ponto de partida e a Inglaterra.

Tal é o resultado, a que os estudos precedentes nos levaram, entrando em primeira linha a certeza de que translocações identicas se deram na viagem á Libya e, no caso sujeito, as proprias revelações do poeta, que nos mostraram a ilha Ea nas extremidades do mar e da terra, e os Argonautas fugindo d'ahi para a foz do Rheno e sahindo ao Mediterraneo pela navegação d'este rio e do Rhodano.

Referimo-nos a Apollonio, por ser a sua obra que estudamos e por ella condensar todas as falsificações, que temos de destrinçar; mas é sabido que o poeta não foi o inventor de taes falsificações e

importa dizer algumas palavras sobre este particular.

Muito tempo antes d'Apollonio, a idéa de que os Argonautas eram gregos e o theatro da sua expedição Euxino, tornára-se uma especie de dogma no mundo hellenico. Isto explica-se bem. É corrente vêr os povos ignorantes e sem critica nacionalisar os heroes das legendas que os impressionam, e foi certamente esta illusão infantil que deu fóros de cidadãos gregos aos Argonautas, ao Hercules navegador dos Tyrios e a tantas outras celebridades da Grecia chamada heroica [1].

Estabelecido este prejuizo, não é d'admirar que o Euxino, o mar por excellencia dos Gregos, e onde os seus antigos marinheiros tinham feito explorações valiosas, se tornasse o campo de façanhas dos Argonautas hellenisados, muito mais quando se nota que no principio o conhecimento superficial do Euxino devia favorecer grandemente a illusão dos crendeiros, graças a algumas analogias que elle offerecia com o mar da velha legenda.

---

[1] Sobre a influencia phenicia nos povos da antiga Grecia, vid. E. Curtius, *Hist. Grecque*, pag. 42 e seg.; F. Lenormand, *Les premières civilisations*, pag. 313 e seg. A fusão do Hercules ariano e semitico era tanto mais facil, que o primeiro, uma entidade primitivamente mythica, como o Indra do Rig-Veda, era de certo considerado, como este, um grande «viajante», um grande «navegador»; mas a influencia phenicia sobre este Hercules navegador é tal, que o seu nascimento era datado da época dos Argonautas, i. é, da época, em que as expedições phenicias para o Atlantico se realisaram, emquanto que o mythico navegador ariano era incomparavelmente mais antigo.

De facto o Euxino com a sua unica entrada pelos Dardanellos prestava-se muito bem ás grandes scenas do drama: o encurralamento dos expedicionarios n'um mar fechado por um estreito e a necessidade de voltarem por um caminho quasi miraculoso, desde que o estreito lhes foi tomado.

Com certeza esta e outras coincidencias contribuiram para generalisar o grande equivoco.

Os Dardanellos ficaram desde o principio até o fim a representar o temeroso estreito da legenda; não havia outro. Quanto ás demais estações, essas no começo foram distribuidas pelas margens do Euxino com as caracteristicas topographicas, copiadas fielmente da tradição, mas distribuidas inteiramente á tôa. É assim que os antigos crendeiros sabiam muito bem que a expedição tivera por alvo Ea; que Ea era uma ilha; e que esta ilha ficava nas extremidades do mar e da terra, porque a velha legenda dizia tudo isto muito expressamente. Que a ilha Ea existia no Euxino era tambem para elles ponto de fé; mas em que localidade do Euxino, ahi batia a duvida, e por isso quando se tratou de a fixar, ao passo que o Euxino era melhor conhecido, uns cuidaram tel-a achado pelas immediações do Danubio, outros á entrada da Palus Meotide, outros na Colchida [2].

A Colchida venceu o pleito, bem que só por antiphrase se lhe podesse chamar uma ilha e que collocal-a nas extremidades do mar e da terra fosse uma perfeita extravagancia.

---

[2] Vid. Spender, *De re argonautica.*

Tão grande era o absurdo, que, quando a critica começou a abrir os olhos, sentiu necessidade de o commentar; mas os commentarios deixam apenas vêr que já não havia meio de dar em terra com aquelle «dogma» geographico [3].

As outras estações, que a Argonautica phenicia distribuia pelas regiões percorridas pelos expedicionarios desde o ponto de partida até á Inglaterra, foram distribuidas pelos Gregos entre Iolchos e a Colchida com a mesma indecisão, e só mais tarde fixadas em taes e taes localidades, onde e como pareceu racional fixal-as.

Como é de suppôr, o numero das estações foi pautado ao principio pelo da tradição [4]. Vieram depois os eruditos e apanhando-se em terreno conhecido, trabalharam tanto e tão bem, que o roteiro d'Iolchos á Colchida, conforme nol-o dá Apollonio, póde considerar-se como um dos mais minuciosos

---

[3] Alludimos principalmente ás explicações pueris de Strabon, XI, V, 5. O absurdo já se mostra com raizes profundas no Prometheu, d'Eschylo, que identifica o monte, em que Titan foi cravado, com o Caucaso da Colchida, principiando aliás por nos mostrar a scena nos «confins da terra». A nosso vêr, Prometheu agrilhoado é muito manifestamente o sol no occaso, o sol moribundo. O logar do seu «supplicio» é pois o occidente; por isso na Heraclea (Apollodorus, II, V, 11) Prometheu e Atlas habitam proximos um do outro. Pela acção e reacção d'estas extravagancias, não admirará que algum mythographo mude o Caucaso, primitivamente um monte anonymo, para o occidente (Apollodorus, ibid.).

[4] Pindaro, *Pythia*, IV, é n'este particular d'uma sobriedade que chega á avareza. Diga-se de passagem que, entre outras, elle põe o episodio da ilha de Lemnos á volta e não á ida para Ea.

periplos da Propontida e do littoral sul do Euxino, uma obra que não desairaria um sabio geographo do tempo do poeta. É raro o povo, a ilha, o rio, o promontorio que um grego podia encontrar desde Iolchos á Colchida, que deixe de ser mencionado no itinerario, com suas legendas locaes á mistura e em regra formando, como a menção d'algumas cidades, um rosario d'anachronismos [5].

Resulta d'aqui que n'esta parte do itinerario do nosso poeta ha difficuldades, que não havia no roteiro da Libya; porque, se n'este existiam apenas falsas identificações geographicas, n'aquelle ha isso e a maior differentes addições, que nem sempre é facil distinguir d'aquellas. Accresce uma outra complicação, é — que algumas das identificações geographicas são forçadas, a do estreito dos Dardanellos por exemplo, o que não podia deixar de trazer comsigo uma alteração na ordem primitiva das estações e tanto mais que, como veremos, a fixação definitiva d'ellas na Propontida e costas do Euxino se regulou por coincidencias topographicas e historicas, que offereciam ou pareciam offerecer umas e outras, e que não podiam ser encontradas para áquem do estreito.

Todas estas difficuldades se resolveriam se, para extremar o authentico e o postiço, apenas nos regulassemos tambem pelos logares parallelos da Heraclea e dos Errores.

Seria isso um expediente commodo, mas desgra-

---

[5] Alguns podem vêr-se em Spender, obr. cit.

çado; porque quanto dissemos na introducção d'este trabalho é bastante para nos fazer esperar da narrativa d'Apollonio uma riqueza d'informações, que nenhuma d'aquellas legendas nos soube dar.

Estas legendas são preciosas, não só e principalmente por affirmarem com a maxima clareza a verdadeira orientação geographica das viagens, como por contar-nos episodios d'uma solida authenticidade, utilissimos para o methodo comparativo; mas só narram o que aprouve aos seus auctores narrar.

Que criterio adoptar para estabelecer a authenticidade de factos geographicos e historicos, mencionados por Apollonio e sem correspondentes na lição da Heraclea e dos Errores? Não vemos outro senão o que deriva da natureza dos factos em si — quer dizer, quando elles forem de tal natureza, que contenham em si mesmos a prova de que só n'uma viagem entre Tartesso e a Inglaterra têm razão de ser e propriedade.

Certamente um tal subsidio póde ser enganador; empregal-o-hemos porém com tanta reserva, que estamos na convicção de que não daremos azo á censura dos mais prudentes. É bem possivel mesmo que certa ordem de leitores nos alcunhe de timoratos. Antes isso.

Feitas estas indispensaveis observações, entremos no emmaranhado labyrintho.

Apparentemente nada ha na Argonautica d'Apol-

lonio que deva chamar-nos a attenção, nem no percurso desde Iolchos á entrada do Hellesponto, nem nas estações da Propontida até o episodio de Phineu, que já denominamos o *alter ergo* de Tiresias. Os heroes partem d'Iolchos; demoram-se mais do que devem na ilha de Lemnos; entram depois pelo Hellesponto, indo aportar á ilha Cyzico, onde têm nova demora, e d'ahi vão á Myzia, ancorando na foz do Cio.

Todos estes factos, geographia e legendas historiadas por Apollonio, são puras addições que temos d'eliminar?

Os incidentes no trajecto de Cyzico á foz do Cio e os d'esta ultima estação não só se tornam muito suspeitos, mas obrigam a revêr cuidadosamente os seus antecedentes.

Vejamos. Partindo de Cyzico, começam os Argonautas a remar com toda a força, picados d'emulação, quando o remo d'Hercules partiu ao meio. Foi necessario arribar á terra mais proxima, que era a Myzia, para que o semi-deus podesse escolher uma arvore, de que fizesse outro remo, apropriado á sua corpulencia. Emquanto porém elle anda n'esta lida, um acontecimento imprevisto força-o a internar-se no paiz, e no entretanto o piloto, vendo soprar um vento favoravel, e sem dar pela ausencia d'Hercules e de dois outros socios que o acompanharam, manda levantar ferro, e, só quando o navio vae longe, é que a falta dos tres é notada. Rebenta grande altercação sobre se ha de voltar-se atraz por elles, se continuar a derrota prescindindo dos seus serviços, quando o deus Glauco surde do fundo das ondas, declarando que todo o acontecido foi decretado por Jupiter, que não queria vêr seu filho dis-

trahido dos seus gloriosos trabalhos pela expedição a Ea [6].

Pela Argonautica nós sabemos que Hercules aproveitou o seu tempo, executando o 11.º trabalho e sabemos tambem que n'esta empresa gastou o mesmo numero de dias, que os seus antigos companheiros gastaram na empresa a Ea, pois que os heroes das duas expedições estiveram a encontrar-se no Jardim das Hesperides com differença d'um dia.

Esta historieta, debaixo da sua fórma pueril, dá-nos uma noticia de capitalissima importancia. O que ella nos diz com toda a clareza é que a foz do Cio foi o ponto de separação dos expedicionarios d'Ea e das Hesperides.

Ora nós já temos provas mais que sobejas para dar por certo que o ponto de partida dos expedicionarios d'Ea e das Hesperides foi Tartesso. Pelo que, sem a menor hesitação damos egualmente por certo que Apollonio foi collocar na foz do Cio um facto que a Argonautica phenicia collocava na foz do Tartesso.

Dir-se-ha, não fallando na extranheza de vermos o ponto de partida da viagem a Ea localisado no meio da Propontida, dir-se-ha que não podem então, antes d'elle, ser procuradas outras estações e outros episodios no poema d'Apollonio, porque, an-

---

[6] *Argonautica*, I, 1310-20.

tes do ponto de partida nada d'isso podia existir na narração primitiva. É necessario porém ter presente uma circumstancia muito importante. Na Heraclea, tanto na viagem ás Hesperides, como na viagem a Erythia, Hercules embarca em Tartesso e é esse o ponto de partida propriamente dito das duas expedições; mas o ponto de partida inicial dos dois trabalhos é a patria do heroe, uma cidade da Grecia, Argos segundo alguns, e d'ahi até Tartesso o heroe tem de palmilhar a pé todo o littoral do Mediterraneo.

Ha pois um ponto inicial de partida e um ponto de partida peculiar ás expedições e relembrando a tradição de Strabon, de que atraz demos conta, e segundo a qual o ponto inicial da primeira expedição dos Phenicios para o Mar do Norte foi Tyro, os enigmas, que nos embaraçavam, resolvem-se naturalmente, incluindo os da Heraclea.

Se a Argonautica phenicia começava a sua narrativa desde a sahida de Tyro, mencionando alguns episodios e localidades até á estação, onde os dois navios phenicios se separaram, Tartesso, nada de admirar que a Argonautica grega, tratando as cousas consoante os seus prejuizos, localisasse em Iolchos a partida inicial das expedições [7] e fosse localisar n'outra parte o ponto de partida propriamente dito das duas emprezas, celebrisado pela separação dos seus respectivos chefes.

---

[7] E. Curtius, na obra já citada, I, pag. 101, mostra que os Gregos não estavam muito certos se os Argonautas partiram de Iolchos, se d'Anthedon, se de Siphæ.

N'este caso Iolchos estaria por Tyro, a foz do Cio pela foz do Tartesso, e conviria examinar se os episodios, mencionados por Apollonio entre as duas localidades encobririam factos historicos acontecidos entre Tyro e Tartesso.

Para o fim especial do nosso trabalho, este exame é de nenhum interesse, desde que não contenda com a historia do Occidente, e por isso apenas nos limitaremos a pôr a questão — se o Hellesponto não corresponderá na Argonautica d'Apollonio ao Estreito de Gibraltar, Cyzico a Gades, a foz do Cio á foz do Tartesso, na convicção de que as estações anteriores a estas nenhuma importancia podem ter para o nosso assumpto.

Fallando do Hellesponto, Apollonio não nos fornece dado algum para a comparação que desejamos; mas já em Cyzico encontramos revelações valiosas. Da legenda, como a reproduz o poeta, infere-se que não era a primeira vez que os compatriotas dos Argonautas visitaram a ilha de Cyzico. O mesmo succede mais adeante na foz do Cio. O mesmo ainda mais adeante na « Terra de Lyco », e ahi a noticia é instruida de particularidades, que a tornam d'uma authenticidade inconcussa.

Ora uns mareantes gregos em Cyzico, em Cio, e na Terra de Lyco, estão em contradicção com a Argonautica grega, segundo a qual a primeira nau grega foi a Argo e portanto os seus tripulantes os primeiros marinheiros gregos, e, o que mais vale, no tempo dos Argonautas, antes da guerra de Troia, é de todo em todo inadmissivel uma expedição de

Gregos para a Propontida, as suas proezas na Terra de Lyco, etc.

Ás avessas, nós estamos cheios de saber que, antes da guerra de Troia e antes de se aventurarem á viagem a Ea, os Phenicios visitaram duas vezes o sudoeste da Hispanha até Onoba, sendo de presumir que tratassem de captar por todos os meios a amizade dos povos d'aquella região, que mais uteis podessem ser aos seus intuitos commerciaes.

Por isso entre admittir que os factos postos na Propontida são puras invenções dos Gregos ou admittir que são puras verdades, transportadas dos verdadeiros logares, onde as collocava a legenda primitiva, para outros, sonhados pelas suas illusões, nenhuma hesitação é possivel, por mais incredulos que sejamos.

Mas quanto a Cyzico, ha mais alguma cousa. A descripção topographica, que Apollonio nos faz d'esta localidade, é pouco mais ou menos a que o periplo phenicio do seculo VI nos faz de Gades, como se vae vêr.

A ilha de Cyzico ficava separada do continente por um esteiro do mar, formando um porto, onde os Argonautas foram fundear. Proximo, mas já no continente, ha um monte sagrado que os heroes sobem devotamente na companhia dos indigenas, que os acolheram amigavelmente. O caminho seguido n'esta peregrinação ficou a chamar-se «Jasonia via» [8].

Aqui está agora a descripção que o periplo phe-

---

[8] *Argonautica*, I, 936-88.

nicio nos faz de Gades. Gades ficava separada do continente por um esteiro de mar, que terminava n'um porto. Á entrada do esteiro, em cada uma das suas margens, havia um montão de rochedos dispostos de tal arte, que eram considerados como reliquias d'uma estrada construida por Hercules. Chamava-se por isso «Herculis via». Defronte de Gades e já no continente via-se um monte que o periplo acha digno de menção, posto não desça a particularidades [9].

Não é quasi certo, visto isto e considerações atraz feitas, que Apollonio emprega aqui o mesmo processo que empregou na viagem á Libya, copiando minuciosidades topographicas da Argonautica phenicia e adaptando-as a localidades da sua escolha [10]?

Se algumas duvidas podessem restar sobre a nossa identificação de Cyzico com Gades, os episo-

---

9 Avienus, *Ora Maritima*, 308-28.

10 É n'esta Cyzico-Gades que Apollonio colloca a Fonte Artacia, localisada, como vimos, na Læstrigonia por um dos mythographos dos Errores. O incidente dos gigantes monstruosos, que pretendiam fechar a sahida do porto, encurralando n'elle a nau dos heroes, e que não são senão os Læstrigões, é evidentemente extranho á Argonautica historica. Que elle foi naturalisado em Gades, desde que Erythia, a Inglaterra, foi identificada com aquella ilha, parece-nos certo. O mesmo succedeu com o Estreito de Gibraltar em relação ao Calais (Hercules teria aberto aquella sahida para o Atlantico, etc.). Mas o que d'aqui se ha de concluir, e não repugna concluir, é que na Argonautica phenicia, pela qual Apollonio se regulava, tinham entrado algumas addições muito mal pensadas. Como prova provada d'estas addições, lembraremos a referencia ás colonias fundadas pelos «descentes dos Argonautas» nas immediações do Lago Triton.

dios da estação seguinte, a de Cio, dissipavam-nas inteiramente, ou a evidencia não vale nada.

Ahi a pobreza da descripção topographica não dá grande margem a comparações n'este particular. Todavia não póde deixar de notar-se que, a proposito da foz do Cio, Apollonio menciona um monte Argantonio que d'alli se descobria, e que das immediações de Tartesso se descobria um monte que o periplo phenicio chama Argentario e Strabon Argyro [11].

O que porém decide irrefutavelmente a identidade de Cio e de Tartesso é a inapreciavel noticia de ser d'este ponto que partiram tanto o expedicionario do Mar do Norte, como o do Mar Austral.

Respondemos pois affirmativamente e com a mais profunda convicção á pergunta acima feita — se o Hellesponto corresponderá ao Estreito de Gibraltar, Cyzico a Gades, Cio a Tartesso; e no capitulo x melhor veremos como só no sudoeste da Hispanha estão em seu logar os acontecimentos, que o poeta localisou na Propontida, onde são absurdos de todo em todo.

Ao episodio de Cio segue-se o da Bebrycia, terra, aonde os Argonautas foram aportar e onde foram tão mal recebidos pelos indigenas, que tiveram d'en-

---

[11] *Argonautica*, I, 1178; Avienus, *Ora Maritima*, 291-2; Strabon, III, II. 11.

trar em lucta com elles, acabando por lhes infligir uma correção severa.

Este facto pertence certamente á Argonautica phenicia; porque, sendo os Bebryces visinhos e figadaes inimigos do rei Lyco; sendo as aventuras dos Argonautas na Terra de Lyco d'uma authenticidade inconcussa, e ligando os dois episodios tão estreitamente entre si, que não podem ser separados sem violencia, força é acceitar a realidade historica d'ambos.

Para determinar porém a posição geographica da Bebrycia, é indispensavel determinar a da Terra de Lyco, porque ahi encontramos para guiar-nos indicações topographicas e historicas, que faltam acolá.

Comecemos pelas revelações historicas. Lyco é apresentado na Argonautica d'Apollonio como filho e successor d'um regulo do paiz, que já hospedára Hercules e lhe devêra grandes serviços, por este tel-o ajudado a repellir a invasão do povo visinho, os Bebryces, que estavam em vesperas de lhe tomar todo o territorio. Lyco era ainda creança, quando estes acontecimentos se deram, mas herdára de seu pae a gratidão mais viva a Hercules e ao povo que o heroe representava. Foi essa uma das principaes razões, por que Lyco deu aos Argonautas uma hospedagem principesca [12].

Não ha razão nenhuma para deixar de considerar todas estas noticias como genuinamente historicas, uma vez que a Terra de Lyco fique no sudoeste da Hispanha, sem ultrapassar Onoba, aonde nós

---

[12] *Argonautica*, II, 774-95.

sabemos por Strabon, ou melhor pela tradição que elle nos transmitte, que chegaram os Tyrios na sua segunda viagem para a Iberia.

Não só é possivel, é mais que natural que n'essa occasião, vendo elles um regulo do paiz em guerra com os seus visinhos, se apressassem a tomar o seu partido, na certeza de tirarem bons lucros dos serviços que lhe prestavam, deixando no seu protegido e descendentes as impressões gratissimas, que Lyco significou aos Argonautas.

Escusado accrescentar que tudo isto acontecido com Gregos e na região, onde Apollonio põe a Terra de Lyco, não tem direito nem avesso, como vulgarmente se diz [13]. No dominio da historia phenicia e localisado o facto no sudoeste da Hispanha, nada mais natural e provavel, comtanto, repetimos, que o theatro dos acontecimentos não ultrapasse a região d'Onoba.

Aqui estão agora algumas coincidencias, cuja alta importancia o leitor avaliará. Nos Errores um dos companheiros d'Ulysses, Elpenor, morre desastradamente no «palacio» de Circe, que identificamos sem hesitação com a Erebea Palus, perto d'Onoba, e é enterrado debaixo d'uma mamôa, coroada um por remo, insignia do seu officio de marinheiro [14].

Na Terra de Lyco, n'uma lagôa sinistra, perto

---

[13] Para Apollonio a Terra de Lyco fica na costa do Euxino, sendo preciso passar os Dardanellos para lá chegar; mas vid. *infra*.

[14] *Odyssea*, XII, 13-15.

d'um rio Acheronte, morre o Argonauta Idmon e é enterrado debaixo d'uma mamôa, coroada por um rolête de navio, insignia do seu officio de marinheiro [15].

Tanto na essencia, como na fórma, as duas passagens têm todos os visos de logares parallelos. Sendo porém o Circêo da Hispanha indicado principalmente como a morada do informador de Ulysses na sua viagem para o Mar do Norte, aquella coincidencia pouco ou nada valeria, se a Terra de Lyco se não distinguisse por uma particularidade identica.

Mas veja-se. Lyco não se contenta unicamente com receber os Argonautas como compatriotas d'um heroe, a quem seu pae deveu a conservação do reino e como guerreiros que ainda ha pouco haviam humilhado os eternos inimigos do seu paiz. Sabendo qual era o fim da sua empreza, a viagem a Ea, manda com elles um filho seu, para serem bem recebidos nos portos, onde têm de descançar [16].

Aqui está reduzido ás suas verdadeiras proporções o phantastico Phineu da Argonautica, o Tiresias e a Circe dos Errores.

É bem de crêr que os Phenicios se não aventurariam a uma expedição por terras desconhecidas e por mares que o não eram menos, guiados apenas pelas vagas instrucções dos videntes, mas que haviam de levar comsigo alguns praticos d'aquella na-

---

[15] *Argonautica*, II, 841-3.
[16] *Argonautica*, II, 802-4.

vegação e alguns interpretes, por meio dos quaes podessem entender-se com os povos que tinham d'encontrar no seu caminho [17]. Lyco offerece-lhes tudo isso.

A realidade historica d'este personagem é por isso tal, que d'elle podia dizer-se ser necessario invental-o, se Apollonio o não tivesse salvado do esquecimento, embora não comprehenda uma palavra da inapreciavel revelação que nos faz.

Nenhuma duvida pois que as duas passagens, a da Argonautica e dos Errores, são logares perfeitamente parallelos e que portanto a Terra de Lyco da primeira corresponde ao Circèo da segunda. É muito para notar que Orpheu (1205) chama *Lycæa Terra* á região, onde põe a deusa Circe.

Facil é então localisar a Bebrycia e a Terra de Lyco. Se esta formava um pequeno reino na região d'Onoba, aquella formava um segundo que visinhava com elle pelo nascente e não distava muito de Cio-Tartesso.

Um parenthesis necessario. Apollonio pondo a Bebrycia na costa da Bythinia, acima do Cio, respeitou a ordem historica da legenda; mas a Terra de Lyco foi atiral-a para a Maryandinia, na costa do Euxino, de modo que, supposto nos diga que os povos dos dois paizes eram visinhos, entre os episodios passados nas duas estações intercala uns poucos mais, entre elles nada menos que o de Phineu e o da passagem do estreito.

---

[17] Comp. *Hannonis periplus*, 8.

O conhecimento das causas d'esta desorganisação é-nos indispensavel, para aclarar as investigações subsequentes e por isso vamos entrar já n'este assumpto. A identificação forçada do estreito da legenda com os Dardanellos não podia deixar de trazer comsigo uma grande perturbação na primitiva coordenação das estações e consequentemente na dos episodios, que lhes andavam associados. Já atraz fizemos esta observação.

Basta notar o seguinte: Ficando o verdadeiro estreito (o Passo de Calais) já na ilha Ea e a uma enorme distancia do ponto de partida (Tartesso), desde que se localisou o ponto de partida em Cio e o estreito nos Dardanellos, as duas distancias inverteram-se, quer dizer, agora do ponto de partida ao estreito ha uma distancia muito curta, do estreito á falsa Ea uma distancia larguissima.

Para respeitar a coordenação primitiva era preciso, como se vê, accommodar entre Cio e os Dardanellos as estações e episodios, que a legenda collocava entre Tartesso e o Passo de Calais e accommodar entre os Dardanellos e a Colchida os que ella collocava entre o Passo de Calais e Cytaia.

Ora com certeza foi o avesso d'isso que se fez por muitas razões, parte das quaes nos revela a identificação da terra de Lyco com a Maryandinia.

Porque não localisaram os nossos eruditos a Terra de Lyco logo acima da Bebrycia, como o estava a exigir a relação de visinhança entre os dois povos? Por dois motivos, qual d'elles mais poderoso. Lyco mandára o filho com os Argonautas para os guiar e proteger na sua viagem para Ea. Collocar este guia e protector da viagem dos Argonautas antes da passagem dos Dardanellos era o mesmo que di-

zer que fôra Lyco quem lhes aplanou os perigos da passagem do medonho estreito, e que tal navegação era já conhecida dos seus praticos.

Impossivel conciliar esta prosaica noticia com as miraculosas tradições ligadas ao grande feito. Só um vidente com a sua dupla vista de propheta podia conhecer umas paragens, por onde nunca passára uma nau; só uma nau «divina» podia tentar a aventura, etc.

Quem podia pensar n'um principiculo como Lyco no meio d'aquellas gigantescas phantasias? Mas, não se lhe podendo recusar a sua qualidade de protector dos Argonautas na navegação para Ea, visto que lh'a negavam na maravilhosa navegação dos Dardanellos, não havia remedio senão conceder-lh'a na navegação dos Dardanellos por deante, aliás de pouca monta.

Aqui está com certeza porque a Terra de Lyco foi atirada para a costa do Euxino e a chegada dos Argonautas ao seu reino collocada depois da passagem do estreito [18].

Mas porque localisal-a na Maryandinia? A razão é ainda obvia, reflectindo, com os exemplos de Cyzico, Cio, etc. no modo, por que foram feitas as identificações geographicas da antiga Argonautica, quando os eruditos tomaram conta d'esta tarefa.

A Terra de Lyco não dispensava um Averno, uma lagôa infernal. Ora depois dos Dardanellos a re-

---

[18] Esta affirmativa é tão pouco arbitraria, que Hygino, obr. cit., em duas passagens, XIV, 10, e XVIII, colloca a Terra de Lyco na Propontida.

gião que offerecia d'isso e com abundancia era Maryandinia. Ahi havia nada menos que um Orco, um Acheronte, uma lagôa sinistra, onde morre o *alter ego* d'Elpenor.

Uma só difficuldade poderia embaraçar os nossos eruditos na sua identificação, era, se a Maryandinia deixasse de visinhar com a Bebrycia, visto que a legenda o declarava terminantemente em mais d'uma parte. Lance-se porém uma vista de olhos a um mappa antigo d'esta parte da Asia Menor, e verse-ha como os Bebryces da Bythinia, nas costas da Propontida, podiam visinhar com os Maryandinos da costa do Euxino. Visinhavam pelo sertão, embora para ir por mar d'um paiz a outro fosse necessario fazer uma longa navegação, com ponto forçado pelos Dardanellos, como Apollonio suppõe que fizeram os Argonautas.

De resto, a localisação da Terra de Lyco para além do estreito é tão absurda, que, se assim fosse na realidade, ficaria além do Passo de Calais, i. é, nas proximidades, senão mesmo em Ea, não tendo razão de ser os serviços, que o regulo prestou aos Argonautas.

Prosigamos agora a nossa derrota.

Sem as causas que determinaram a localisação da Terra de Lyco na Maryandinia, nós veriamos certissimamente esta estação seguir-se immediatamente á Bebrycia e os episodios que ahi se passam preceder os quatro outros, que hoje nos apparecem como succedidos depois.

D'estes quatro episodios, o de Phineu e da pas-

sagem do estreito, temos de os remover para outra parte; pois que já sabemos que estão aqui inteiramente deslocados. A seu tempo nos occuparemos d'elles. Ficam-nos os dois outros, o de Dipsaco e o da Thyania.

Vamos começar pelo ultimo quasi pela mesma razão, por que estudamos a posição da Bebrycia antes da da Terra de Lyco.

Na ilha Thyania dar-se-hia o caso mais assombroso do mundo. Era a hora do crepusculo da manhã, conta Apollonio, quando os mareantes se aproximavam da ilha. Mal aportam a ella, offerece-se-lhes um espectaculo que os maravilhou: era Apollo vindo da Lycia e descendo ao Ponto para demandar a região dos Hyperboreus [19]. Pelo que, os Argonautas consagram a ilha a Apollo Eôo (Matinal) tocando e dançando em redor do fogo do sacrificio, que logo fazem ao deus.

O espectaculo, presenciado pelos Argonautas, seria em verdade o mais maravilhoso que se tem visto; porque, ficando a Lycia com relação á Thyania do Euxino para o sul e os Hyperboreus no alto norte, como é sabido, se os observadores viram Apollo Eôo vir da Lycia para a região dos Hyperboreus, viram então o Sol marchar de sul para norte, e esconder-se no norte do Euxino.

Este absurdo é um dos mais descompassados dos muitos que sahiram da penna do nosso poeta; mas nós já sabemos o que valem n'elle surprezas d'esta especie, para as não esquadrinharmos com o maior cuidado.

---

[19] *Argonautica*, II, 674-6.

Vejamos antes de nada o que significa a viagem d'Apollo ao paiz dos Hyporboreus. Os antigos imaginavam a terra uma superficie plana e o céo uma especie de redoma que a cobria. Vendo desapparecer o sol no poente e reapparecer no oriente, não achavam outro meio d'explicar o phenomeno, senão suppondo que o sol dava volta pelo norte, onde eram collocados os Hyperboreus.

Quando as explorações dos Phenicios para o Atlantico, combinadas com outras mais antigas para os mares do sul, suscitaram a doutrina, já reproduzida em Homero, que a terra era cercada pelo oceano, a viagem d'Apollo (o Sol) para os Hyperboreus tornou-se uma viagem maritima, desde que o deus descia ao oceano, porque então embarcava n'um navio mysterioso e n'elle circuitava todo o norte até chegar ao oriente, onde resurgia [20].

Sabido isto, basta substituir o Ponto d'Apollonio pelo oceano atlantico, para perceber de que maneira o poeta engenhou o seu absurdo. Dizia a legenda que n'um certo ponto da sua viagem os Argonautas maravilhados viram o Sol descer — das partes da Libya? [21] — e pôr-se no mar, para em seguida caminhar para o norte, a região dos Hyperboreus.

---

[20] Pherecydes, fragmenta, 33h. O Sol emprestaria o seu navio a Hercules, quando elle fez a expedição a Erythia. Ibid.

[21] Na traducção de Costa e Silva, Apollo não vem da Lycia, mas da Libya. É lapso do traductor, ou alguma lição differente? Não temos meio d'aclarar a duvida, com bem pezar nosso; mas a velha legenda fallava com certeza da Libya e não da Lycia e não se extranhará por isso que sigamos esta versão.

Tudo isto, como se vê, sendo um absurdo sem nome n'uma viagem ao longo da Costa do Euxino, é tão natural e ao mesmo tempo tão rigorosamente exacto n'uma viagem pela costa sudoeste da Hispanha, que bastava esta revelação do nosso poeta para nos dar a certeza de que toda a restauração, que estamos fazendo, não póde ser mais bem fundamentada.

É d'advertir que o espectaculo do pôr do sol no Oceano maravilhava realmente os que o contemplavam a primeira vez, dando origem ás mais phantasticas invenções [22]. Apollonio mostrando-nos os Argonautas surprehendidos em face de Apollo Eôo, ou do nascer do sol, deturpa uma segunda vez o facto historico, bem que muito ineptamente, por fazer acreditar que aquelle phenomeno, visivel e vulgar em quasi toda a parte da terra, podia offerecer alguma novidade aos seus heroes; mas basta attentar em que foi na Thyania do Euxino que elle localisou o episodio, para se descobrir d'onde veio esta segunda deturpação, prevenindo-nos contra outras da mesma natureza.

A Thyania do Euxino era de facto consagrada a Apollo, e o seu outro nome de Daphnusia [23] mostra que o Apollo, ahi adorado, não era outro senão o Apollo Eôo ou Matinal. É de vêr que as legendas locaes e sempre vivas da ilha haviam de reagir con-

---

[22] Strabon, III, III, 5.

[23] *Anonymi periplus Ponti Euxini*, 6. Sobre o mytho de Apollo e Daphne, vid. Max Müller, *Essais sur la mythologie comparée*, pag. 116 e seg.

tra quaesquer outras, que as viessem contradizer, cedendo sómente nos pontos em que não fossem violadas. Com estas condições, a Thyania fica sendo a estação, onde os Argonautas presenciavam um notavel phenomeno solar, mas esse phenomeno foi conciliado com as lendas do deus nacional da Thyania, o Apollo Eôo, e foi-o de modo, que a hora, em que os mareantes chegaram á ilha, se tornou a do crepusculo da manhã.

Na tradição argonautica contava-se exactamente o contrario, como é inutil demonstrar depois do que fica dito: o Sol que os Argonautas contemplaram maravilhados foi o sol poente: a hora, em que estiveram na ilha, imaginando-o em caminho para os Hyperboreus, era o crepusculo da tarde.

Tudo isto nos parece tão superior a qualquer duvida, que não procuraremos mais provas em favor da nossa interpretação, e passamos a investigar o que podia ser a pseudo-Thyania.

Partindo da Terra de Lyco (Onoba), só depois de dobrar o Cabo de S. Vicente é que os Argonautas poderiam deixar de presenciar o espectaculo, descripto por Apollonio, com todas as suas particularidades, porque, dobrado o Cabo, já lhes não era possivel vêr descer o Sol dos lados da Libya. Pelo contrario, d'Onoba até á ponta do Cabo só um nevoeiro muito cerrado lhes esconderia a grande surpreza.

A supposta Thyania ha de pois ser procurada entre Onoba e o S. Vicente, o Sacrum Promontorium dos antigos. Mas dá-se o caso que o Sacrum era já entre elles o ponto de observação por excellencia para contemplar o phenomeno que nos occupa. Dizia-se que, visto d'alli, se lhe descobriam particularidades notabilissimas, que ninguem via d'outra par-

te; por isso Artemidoro d'Epheso, devendo aliás saber que o occaso do sol era visivel de Gibraltar por deante, não resistiu á curiosidade de ir ao famoso promontorio, para d'alli examinar a realidade das cousas [24].

Se na ponta de S. Vicente alguma ilha houvesse, onde se mencionasse, não um templo d'Apollo Matinal, mas pelo contrario um templo consagrado aos deuses da noite (os leitores já conhecem os motivos d'esta exigencia), ninguem hesitaria, crêmos nós, em vêr n'ella a falsa Thyania d'Apollonio. Ora aqui temos nada menos que a Argonautica d'Orpheu, dizendo-nos que os navegantes, vindos do Mar do Norte para o Estreito de Gibraltar, avistaram, ao dobrar o Sacrum Promontorium, uma ilha consagrada a Ceres, e onde se localisava o rapto de Proserpina commettido por Plutão [25].

É de notar que a informação d'Orpheu é tirada da mesma fonte, d'onde provém a localisação do Circêo e da Terra Lycæa no sudoeste da Hispanha, fonte d'uma authenticidade incontestavel.

Depois de todas estas coincidencias, impossivel nos é deixar de vêr a Thyania d'Apollonio na ilha mencionada por Orpheu, e de desconhecer a natureza dos deuses, a que os Argonautas podiam alli sacrificar.

Eram com certeza os mesmos que, segundo a tradição local, se vinham reunir de noite no alto do promontorio, não ousando ninguem entrar n'aquelle

---

24 Strabon, III, 1, 5.

25 Orpheu, *Argonautica*, 1185-94.

recinto depois do pôr do sol — com as maximas probabilidades o deus solar e lunar, que d'alli se via distinctamente descer ás trevas da noite, ou, como diriam os antigos, ao Inferno [26].

Conhecido e localisado o episodio da Thyania, falta-nos conhecer o que o precede — o episodio de Dipsaco. Temos por certo que elle pertence á Argonautica phenicia, por alludir a um personagem importante da velha legenda. Na morada de Dipsaco — diz Apollonio — tinha descançado Phryxo, quando fugia para Ea [27]. Phryxo era o pae d'Argus, o celebre amigo dos Argonautas, e a terra da sua naturalidade só póde ser procurada no sudoeste da Hispanha. A sua fuga para Ea é tão historica, como todo o drama que tão decantada tornou a expedição, e o que se infere da noticia do nosso poeta é que uma das estações da sua viagem foi apontada aos Argonautas pelos seus guias, talvez porque elles ahi descançassem.

Determinar a sua posição não nos parece difficil,

---

[26] M. Decharme, obr. cit., pag. 355 e seg., explica o rapto de Proserpina pelo desapparecimento da vegetação ao cahir do outono; mas por certas faces, elle explica-se tão bem pela descida da Lua abaixo do horisonte, que nós crêmos piamente na fusão dos dois factos, como crêmos que a Proserpina, ou equivalente, do Sacrum Promontorium, era uma deusa lunar. O Cabo da Roca era tambem consagrado á Lua, Selene, como diz Ptolomeu.

[27] *Argonautica*, II, 652-4.

decifrada a entidade que se encobre com o nome de Dipsaco, e sabido que a sua morada ficava entre Onoba, ou a Terra de Lyco, e o Sacrum Promontorium.

Dipsaco habitava na foz d'um rio (o pseudo-Phyllis da costa do Euxino); era filho d'um rio e d'uma Nympha. Temos pois uma entidade mythica relacionada com um rio; a sua morada (aedes) não podia ser senão um templo. Perto da foz do rio Anas já nós conhecemos um templo, o Zephyridos, aonde pela Odyssea sabemos que foi parar Ulysses.

Para nós o templo de Dipsaco e Zephyridos é uma e a mesma cousa, e é na foz do Anas que o collocamos sem hesitação. As poucas, ou digamos mesmo as pouquissimas analogias entre o Dipsaco d'Apollonio e o Zephyridos do periplo phenicio do seculo VI não nos detêm um momento; porque, sendo o episodio muito insignificante e podendo por isso o nosso poeta desfigural-o, como faz muitas vezes, misturando-o com as legendas locaes do Phyllis, sem denunciar a deturpação, o que fica certo é que a estação que procuramos era na foz d'um rio, e entre Onoba e o Cabo de S. Vicente quasi que não ha rio notavel, senão o Anas.

Não nos cega de certo uma illusão peor que a d'Apollonio, acreditando que a restauração d'esta parte do itinerario, desde o Hellesponto á Thyania, não póde ficar mais sólidamente demonstrada.

A separação dos dois expedicionarios, um para Ea, outro para as Hesperides, a profunda realidade

historica que caracterisa todo o episodio de Lyco, são factos tão imperiosamente reclamados, o primeiro para Tartesso, o segundo para Onoba, e têm ahi uma applicação tão rigorosa na essencia e nas particularidades, que só por uma coincidencia milagrosa poderiam ser inventados para as localidades, em que a escóla d'Apollonio os fixou.

Se ainda em face d'estas provas alguns incredulos houvesse, o incidente da ilha Thyania havia de convertel-os por força; pois que, sendo só e unicamente desde o Estreito de Gibraltar até á ponta do Cabo de S. Vicente que se póde vêr o sol descendo dos lados da Libya para o mar e seguir d'ahi para o norte, conforme a crença dos antigos, duvidar ainda que o theatro d'esta parte do itinerario não seja a costa do sudoeste da Hispanha equivaleria a duvidar da claridade da luz.

Na viagem a Ea o processo seguido por Apollonio é um pouco differente do da viagem á Libya, e, supposto já desenvolvessemos onde convinha as causas d'estas differenças, pouco se perde com uma repetição. A localisação forçada do estreito nos Dardanellos e a necessidade sentida pelos eruditos, talvez para se enganarem a si mesmos, de se regularem nas suas identificações geographicas por taes e taes analogias entre as estações descriptas pela legenda e algumas localidades da Propontida e do Euxino, não só os obrigou a alterar a ordem da geographia primitiva, mas a desnaturar alguns episodios, para os conciliar com as legendas locaes do paiz, onde os foram fixar.

Todas estas deturpações porém foram feitas tão superficialmente, por fortuna nossa, que com alguma paciencia e graças aos subsidios de que dispô-

mos, não é extremamente difficil apontal-as e corrigil-as.

Como é da parte geographica que tratamos agora exclusivamente, temos que desde o Estreito de Gibraltar até á ponta do Cabo de S. Vicente, a Argonautica phenicia, como a reproduz Apollonio, mencionava:

Gades;

Tartesso;

Um pequeno reino entre Tartesso e Onoba, a que o poeta dá o nome de Bebrycia [28];

A Terra de Lyco, outro pequeno reino na região d'Onoba [29];

Um templo na foz do rio Anas;

Uma ilha na ponta do Cabo de S. Vicente.

Da ilha Thyania até á ilha Aretias nomeia Apollonio todos os rios, promontorios, etc., todos os po-

---

[28] O nome de Bebrycia é, segundo todas as probabilidades, transportado da Propontida para o sudoeste da Hispanha. Avieno, 486-7, menciona uns Bebryces na Hispanha, mas para os lados orientaes da peninsula. Nada se perde em accrescentar que, n'outra passagem, 256-60, os Cempses habitariam primeiro nas immediações d'Onoba, comprehendendo a ilha Cartara, e antes do seculo VI emigrariam d'alli para o norte do Tejo, pouco mais ou menos. O reino dos Bebryces comprehendia tambem uma ilha.

[29] Não nos parece que succedesse com a Terra de Lyco o que suppomos ter succedido com a Bebrycia. A circumstancia de vermos Orpheu collocar por aqui uma Lycæa Terra, vindo encontrar-se com Apollonio por um caminho que não póde ser mais opposto ao d'elle, é para fazer meditar.

vos que se encontravam na costa do Euxino desde a Thyania do Ponto até á ilha Aretias, já não muito longe da Colchida.

Foi aqui principalmente que os eruditos exhibiram a sua mal empregada sciencia geographica, e tão francamente a copiam dos periplos d'aquella costa, que em toda esta secção do roteiro nada se offerece de suspeito, a não ser o incidente dos filhos de Deimacho, saberemos logo porque.

A ilha Aretias temos de localisal-a no littoral da Bretanha; e vê-se então que, desde o Cabo de S. Vicente até ao Canal da Mancha, nada ficamos sabendo d'esses povos, em que os navegantes deviam descançar, escudados pela protecção do filho de Lyco.

A falta para nós é mais que lamentavel. Se porém, como é natural, por falta de incidentes dramaticos a velha Argonautica se limitava a uma secca nomenclatura geographica, nada ha para admirar que a escóla d'Apollonio a substituisse pela d'um periplo do Euxino, completando pedantescamente o que suppunha ter sido supprimido.

Ha todavia uma lacuna que deve surprehender. Esta parte da viagem comprehendia, conforme a nossa restauração, a costa da Europa occidental, onde ficava o Golfo da Gasconha, e os Errores faziamnos esperar que a navegação por « alto mar » desde a Corunha ao Canal da Mancha fosse mencionada na Argonautica phenicia, e que portanto Apollonio alludisse a ella de qualquer maneira.

Mas nós dissemos atraz que estudariamos em logar proprio o episodio de Phineu e das Harpyas e o logar proprio é este.

Quem confronta as Harpyas com as Sereias reco-

nhece sem difficuldade que as duas « fabulas » têm intimas relações e allegorisavam primitivamente um mesmo incidente maritimo. As Harpyas appareciam bruscamente, como « subitas procellas, fuzilando relampagos » [30] n'uma localidade certa e determinada, por onde os Argonautas tinham de passar, e da qual desappareceram, desde que os heroes alli tocaram.

O desespero e a morte das Sereias tem a mesmissima significação, que o desapparecimento das Harpyas. Nem estas desappareceram, nem aquellas morreram, senão para aquelles que, abandonando o caminho pelas paragens, onde ellas exerciam as suas ferocidades, nunca mais tiveram occasião de as avistar.

Trata-se pois sempre d'uma região maritima, onde é possivel a dualidade de caminhos, e por fortuna na verdadeira viagem para Ea só o Mar Cantabrico está n'estas condições, accrescendo que pela Odyssea sabemos que, além da navegação pela costa, se praticava alli a navegação pelo mar alto. E accrescente-se que, sob alguns pontos de vista, as Harpyas apparecendo como subitas procellas, não allegorisam peor que as Sereias as bruscas e temerosas tempestades do Golfo da Gasconha.

Para nós portanto é certo, como as cousas mais certas, que a Argonautica phenicia não pintava com menos vivas côres, que a Odyssea, o famoso episodio da navegação pelo Mar Cantabrico, e não nos parece tambem difficil de comprehender como elle nos apparece tão estropiado na obra do nosso poeta.

---

30 *Argonautica*, II, 267.

Attentemos na localisação que elle deu ás Harpyas. Encontramol-as na Thynia, á entrada dos Dardanellos. Esta localisação era inevitavel; porque as Harpyas, como as Sereias, eram mencionadas antes da passagem do estreito; e antes dos Dardanellos, e depois da Bythinia, onde Apollonio pôz a Bebrycia, não havia senão a Thynia.

Tal localisação, como facilmente se vê, não podia ser melhor escolhida para desorientar os interpretes sobre o significado intimo da allegoria; porque, se havia região, onde fosse impossivel a um mareante tomar o expediente de escolher um caminho que o afastasse da morada das Harpyas, era justamente a Thynia, á bocca do estreito canal dos Dardanellos.

Mas aqui vem nova complicação. Phineu, o informador do roteiro para Ea e dos perigos, que elle encerrava, entre os quaes avultava o da passagem do estreito, tambem só antes dos Dardanellos devia habitar; e, não podendo entrar em scena senão depois do episodio dos Bebryces da Bythinia, succedia egualmente que só na Thynia podia ser collocado. D'este modo Phineu e as Harpyas vieram parar a um mesmo logar; mas, para se vêr que esta associação é obra dos coordenadores da Argonautica grega, basta notar que, correspondendo as Harpyas ás Sereias e Phineu ao Tiresias dos Errores, as Sereias são apontadas por este vidente como um dos grandes perigos, que Ulysses ha de encontrar na sua navegação.

A reunião de Phineu e das Harpyas é reconhecidamente falsa; mas depois d'effectuada produziu resultados taes, que na obra d'Apollonio o episodio das Harpyas torna-se apenas um incidente da biographia de Phineu, e para o ligar d'algum modo á his-

toria dos Argonautas, foi preciso dar aos ventos, filhos de Boreas, a qualidade d'Argonautas e de os fazer voar por esses ares fóra em perseguição das Harpyas [31].

É manifesto, em vista de tudo isto, que temos a separar os dois factos, que os coordenadores das Argonauticas gregas juntaram da maneira mais arbitraria e desastrada, não podendo haver a menor duvida de que Phineu, se existiu em alguma parte, foi na Terra de Lyco, e que as Harpyas hão de ser localisadas nas mesmas paragens que as Sereias, no Golfo da Gasconha.

Examinemos agora o incidente dos filhos de Deimacho, que, já o dissemos, nos desperta suspeitas de ser copiado da velha Argonautica. Nada mais insignificante á primeira vista que este incidente, porque n'elle apenas se conta que n'um certo ponto da viagem, tres filhos d'um tal Deimacho Tricceu se resolveram a acompanhar os Argonautas na sua expedição. Mas, não havendo sombra de razão para acreditar que Apollonio se pozesse a phantasiar uma coisa tão banal, força é admittir que elle não inventa, mas copia, e n'este caso tambem mal se acredita que o facto original, a ser tão sem alcance como o faz o nosso poeta, tivesse a fortuna de se perpetuar.

Ha demais d'isso as circumstancias que vamos vêr. Os filhos de Deimacho entrariam para a nau Argo na foz do rio Halys, e foi tambem na foz do rio

---

[31] *Argonautica*, II, 282 e seg. Bastava este facto para provar que as Harpyas são a personalisação das nuvens tempestuosas.

Halys que o filho de Lyco se despediu dos Argonautas; mas na narrativa d'Apollonio a entrada dos filhos de Deimacho no navio dar-se-hia á ida para Ea, a separação do filho de Lyco dar-se-hia á volta [32].

Na concepção do nosso poeta estes acontecimentos eram possiveis. Fugindo da Colchida, os Argonautas podiam tornar segunda vez ao Halys, na costa do Euxino, e o filho de Lyco seguir d'ahi para o seu paiz, a Maryandinia, segundo Apollonio. Mas no verdadeiro theatro geographico e historico nada d'isto tem senso commum. Fosse qual fosse a verdadeira estação substituida pelo Halys, ella não podia deixar de ficar para áquem do verdadeiro estreito, o Passo de Calais, e é bem sabido que, por não poderem romper pelo estreito, é que os fugitivos se escaparam pelo Rheno e Rhodano. Os Argonautas não podiam pois passar segunda vez pelo supposto Halys para ahi deixarem o filho de Lyco.

Além d'isso é inverosimil que o filho de Lyco os acompanhasse até Ea. Limitando-se a sua missão a prestar-lhes os serviços de que elles necessitam na sua viagem, tal missão só tem razão de ser até á Ilha Aretias, porque ahi já entra em scena Argus, a cuja pericia, diz Apollonio, foi confiada a direcção do navio.

Mas, sendo o Halys, para áquem da Aretias, indicado como a estação onde este primeiro guia dos Argonautas se despediu dos seus protegidos, e não podendo o facto dar-se á volta da viagem, mas á ida, conclue-se que o filho de Lyco nem chegou á ilha e que deixou os seus amigos na mesma localidade e

---

[32] Comp. *Argonautica*, II, 955-61 e IV, 298-9.

na mesma occasião em que os filhos de Deimacho entram para a nau.

Agora a singularidade de vêrmos estes homens resolverem-se a partilhar sem motivo algum os perigos d'uns navegantes desconhecidos, ao mesmo tempo e no mesmo logar em que o filho de Lyco, encarregado por seu pae de os proteger efficazmente, os deixa para voltar ao seu paiz, suscita naturalmente a duvida se os tres filhos de Deimacho não entraram para a nau, no momento em que sae o filho de Lyco, porque este obteve d'elles que continuassem do falso Halys por deante o papel, que elle desempenhára até alli, porque os novos protectores dos Argonautas eram mais praticos que elle na navegação que vae seguir-se. Que navegação era essa? Impossivel sabel-o ao certo, porque é impossivel saber que estação ou que rio Apollonio substituiu pelo Halys.

Sabemos ainda assim que o pretenso Halys ficava áquem da ilha Aretias, que já dissemos ter de localisar na costa da Bretanha, e sabemos tambem que para qualquer serviço, que os filhos de Deimacho podiam prestar aos Argonautas, só ficava por campo d'acção o littoral para áquem da mesma ilha, porque d'ella em deante o perito é Argus.

Os leitores perceberam já aonde nós queremos chegar com estas observações. Não serão os filhos de Deimacho os praticos, que informaram os mareantes da perfidia das Sereias ou das Harpyas, indicando-lhes o caminho por alto mar, que sabiam ser costume seguir, para evitar aquelles perigos?

Claro é que não damos a esta opinião senão o valor que póde ter uma hypothese; mas em investigações da natureza da nossa nada se póde desprezar.

É de vêr que com a deslocação e com a profunda deturpação do episodio das Harpyas, se os filhos de Deimacho primitivamente estavam d'algum modo ligados a ellas, todos os laços ficaram cortados e o papel dos tres peritos sem um fim determinado, insignificante em summa, como hoje nos apparece.

A mesma ou egual sorte teve, como já vimos, o rei Lyco, reduzido pelo phantastico Phineu a um personagem muito secundario.

Seja como fôr, a nossa hypothese parece-nos tanto mais acceitavel, quanto são naturalissimos os factos que ella descortina. Nada mais natural com effeito que um regulo da Hispanha, querendo exprimir toda a sua gratidão aos Phenicios, e sabendo que o maior obsequio que lhes póde prestar é protegel-os na viagem para a Inglaterra, mande com elles o proprio filho e competentes peritos, e que n'um certo ponto, onde a navegação dos seus protegidos tem d'encontrar perigos que só praticos especiaes podem vencer, o filho de Lyco lh'os obtenha e de tal confiança, que volte para o seu paiz na certeza de ter cumprido plenamente a sua missão.

No emtanto a verdade é que tudo isto não passa d'uma hypothese; e que, mesmo sendo mais do que isso, fôra perder tempo tratar de saber, com os dados que fornece Apollonio, que estação na costa occidental da Hispanha podia corresponder ao seu Halys.

Na ilha Aretias abre-se a primeira scena do drama, que tão celebradas tornou as aventuras dos Argonautas, e sem o qual grande parte das particularidades geographicas e historicas da sua viagem te-

riam muito provavelmente cahido no esquecimento. É ahi que se dá o encontro dos filhos de Phryxo, que tendo partido d'Ea, com tenção d'ir á terra da naturalidade de seu pae, vieram arribar como naufragos á ilha, porque o seu navio batido por uma tempestade havia sido tragado pelo mar.

Escusado é pois demonstrar que nem estes episodios, nem a ilha onde Apollonio os colloca, são invenções suas; o que fez porém, como não podia deixar de fazer, foi identificar esta ilha do Occidente com uma ilha do littoral do Euxino, o que pouco nos embaraçaria, e tornal-a propriedade d'umas entidades, que a legenda não podia mencionar, o que nos embaraça deveras, por não ser possivel averiguar até onde chega a deturpação dos factos, em que as vêmos figurar.

Em parte alguma, como aqui, é para lamentar o processo usado por Apollonio de misturar noticias de duas fontes differentes e vamos vêr porque.

Já dissemos ter de localisar a ilha Aretias no Canal da Mancha e nomeadamente nas costas da Bretanha, e para isso basta a certeza de que ella distava de Ea menos de tres dias de navegação [53].

Para saber qual das muitas ilhas do littoral da Bretanha lhe podia corresponder, é que as indicações do poeta seriam sem preço, se fossem tão puras, como são viciadas.

A ilha, diz elle, era consagrada a Ares (Marte); d'ahi o seu nome d'Aretias. O templo do deus, sem tecto, fôra construido pelas Amazonas, que habita-

---

[53] Comp. *Argonautica*, IV, 244-5.

vam no continente fronteiro e vinham alli fazer as suas devoções e sacrificios [34].

As Amazonas da Asia Menor são mencionadas mais d'uma vez por Apollonio, e é bem possivel que, se na Aretias do Euxino houvesse tudo o que elle conta, o poeta se apressasse a registar estas curiosidades; mas é tambem muito possivel que procedesse aqui, como procedeu na ilha Thyania, modificando as noticias da velha Argonautica, consoante as tradições locaes da estação, que cuidava ser a verdadeira.

O certo é que são para fazer reflectir as seguintes coincidencias. Diniz Periegeta, que parece ter haurido as suas noticias de fontes phenicias muito antigas, dá-nos nas costas da Bretanha uma ilha, celebre pelas ceremonias religiosas, que em honra de Baccho alli faziam certas mulheres [35]. Nas informações posteriores a Diniz, a ilha apparece com o nome d'ilha dos Namnetes, defronte do rio Liger, habitada pelas mesmas mulheres e exclusivamente, pois, supposto tenham ligações com os homens do continente proximo, eram ellas que iam procurar os maridos, quando isso lhes convinha. Uma das suas costumeiras era deixar o templo do deus a descoberto, tirando-lhe as peças do tecto, mas tendo de as repôr novamente no seu logar até o pôr do sol [36].

Vê-se que é deveras lamentavel a impossibilidade de liquidar se foram ou não noticias relativas á ilha dos Namnetes, já recolhidas pela Argonautica phenicia, que Apollonio corrompeu, amalgamando-as

---

[34] *Argonautica*, II, 1170-76.
[35] *Orbis descriptio*, 751-5.
[36] Strabon, IV, IV, 6.

com as da Aretias do Euxino e das suas Amazonas. Infelizmente esta questão nunca se esclarecerá.

Quanto á existencia d'um templo nas costas da Bretanha, fosse qual fosse o deus alli adorado [37], nós já encontramos templos bastantes no sudoeste da Hispanha; havemos de encontral-os em Ea e na foz do Rheno, para nos embaraçarmos com qualquer objecção, que alguem se lembrasse de suscitar n'este ponto.

Um outro incidente, acontecido na ilha, segundo Apollonio, tem um logar ainda mais apropriado na ilha dos Namnetes, que no sul do Euxino. Os heroes tiveram de formar um tecto d'escudos, para se livrarem das pennas, que as aves de Marte despediam sobre as suas cabeças e que feriam como pontas de settas [38].

Estas pennas eram da mesma especie das que choviam na Scythia e nas quaes Herodoto já via flocos de neve, se não eram antes uma «chuva de pedras», como a da Heraclea.

Vamo-nos aproximando dos Hyperboreus.

A estação immediata á ilha Aretias é já um ancoradouro no rio que lavava Cytaia, a capital do reino d'Aetes.

No trajecto d'uma a outra nenhuma allusão ha, já se vê, aos perigos do Passo de Calais que os expedicionarios tinham d'atravessar. Nós sabemos já

---

[37] Duvidamos muito do Baccho da ilha dos Namnetes. Acerca da posição da ilha, vid. E. Desjardins, *Géographie hist. et administrative de la Gaule romaine*, I, pag. 289.

[38] *Argonautica*, II, 1048-76.

onde Apollonio e a sua escóla foi localisar o estreito verdadeiro, e quanto aos perigos da sua travessia, elles não podiam ser pintados com mais negras côres, do que o fez o nosso poeta.

A tetrica pintura não passa porém d'um producto de pura phantasia. A proposito da mesma passagem, mencionada nos Errores, e onde o estreito apparece ladeado nada menos que por Scylla e Carybde, já fizemos notar que os companheiros d'Ulysses nem sequer desconfiaram de que iam navegando por entre aquelles dois monstros, e o mythographo ficou d'este modo fiel á verdade, porque a verdade foi que os Phenicios atravessaram o Passo de Calais sem a menor contrariedade. Apollonio, sem o querer, dá-nos a explicação do facto: é que desde a ilha Aretias por deante a nau dos Argonautas foi confiada á «pericia» d'Argus [39], que devia estar cheio de conhecer os perigos do estreito e a maneira de os evitar.

Estamos pois chegados a Ea, á famosa ilha das extremidades do mar e da terra. Falta-nos conhecer em que parte da ilha ficava Cytaia, onde se passa o grande drama. Que ella ha de ser procurada na costa oriental da Inglaterra [40] e para além do estreito,

---

[39] *Argonautica*, II, 1260.

[40] Orpheu, 756-7, narrando a chegada dos Argonautas, diz que elles foram ancorar junto ao Phasis, na parte *occidental* do Euxino. A extravagancia faz lembrar outra d'Euripides, essa verdadeiramente extraordinaria. O côro, referindo-se a Medea, na tragedia a que a filha d'Aetes dá o titulo, diz: «Ella invoca a filha de Jupiter, Themis, a guarda dos juramentos, que a arrastou para a Grecia, atravez do *Oceano occidental*, transpondo o temeroso estreito que é a *chave do oceano*.»

já nós sabemos pela critica dos Errores e dos textos d'Apollonio estudados na nossa introducção; e não póde distar muito do estreito; ha de distar apenas o espaço que se póde percorrer n'uma noite, porque, se assim não fosse, Argus não poderia lograr o intento d'ancorar nas proximidades da cidade, sem ser visto por ninguem. Por ultimo a cidade ficava nas immediações d'um grande rio [41], que os Gregos identificaram com o Phasis da Colchida.

Todas estas particularidades nos levam a collocar a celebre Cytaia nas margens do Tamisa. Descer a mais individuações seria entrar no terreno das hypotheses, de que, como o leitor tem visto, nos havemos abstido o mais que podêmos.

---

[41] « Phasin late-fluentem » diz Apollonio (II, 1261).